

Elogio ao Almirante Henrique Boiteux

L. de Oliveira Bello

Cap. de Fragata

Não entoarei uma nênia nem farei, neste momento, a biografia do Almirante Henrique Boiteux, conspícuo sócio fundador dêste egrégio Instituto, que súbitamente desapareceu dentre os vivos, deixando acentuados traços da sua personalidade na profissão que abraçou, e no campo das belas letras que cultivou.

Bem as merece, porém exíguos são os minutos que me foram honrosamente concedidos para proferir aqui algumas expressivas palavras sôbre a sua respeitável figura, traduzindo o sentimento de mágua que consternou os seus consócios em virtude de sua morte.

Todavia, não parece inoportuno relancear sua vida e sua obra para bem focalizar a sua individualidade e justificar a homenagem que ora lhe prestamos. Destacou-se na profissão pelos seus altos conhecimentos e dedicação e nas letras históricas foi um apreciável expoente.

Nasceu na vila de Tijucas na Província de Santa-Catarina, onde residiam seus pais, que eram brasileiros. Sua mãe, D. Maria Carolina Jacques descendia dos Souza Lobo, da cidade do Pôrto, e dos Jacques de Alemquer, da ilha Terceira, dos Açores. Dêsse tronco procederam também o afamado piloto Pero de Alemquer que, com o audacioso navegante Bartolomeu Dias, primeiro viu o famoso Cabo-da-Boa Esperança, no sul da Africa, e o intrépido Capitão de Navio Cristovam Jacques que, em 1526, venceu e aprisionou dois navios franceses que caregavam clandestinamente pau-brasil na baía de Todos-os-Santos. Seu pai, o Coronel da Guarda Nacional, Henrique Carlos Boiteux, descendia dos Montadon-Boiteux,, do cantão de Neuchatel na Suíça. Fôra homem culto^a ativo, empreendedor, liberal de larga visão, e

naquela vila e na de Nova-Trento, que organizou e superintendeu, exerceu vários cargos públicos e administrativos, tendo revelado felizes iniciativas. Aí fôra também jornalista, cultivador de vinhas e introdutor da moreira e do bicho da seda.

Procedente assim de fortes e dinâmicos troncos, o jovem Henrique Boiteiux, talvez, atávicamente, na bucólica vila, à orla do oceano, onde nasceu e foi criado, visse, com frequência, o mar, barcos e pescadores e sentisse o despertar da vocação para a vida do mar, que o conduziu, através dos seus róseos sonhos de idealista, a preferir a nobre profissão de oficial de Marinha, na qual poderia lutar pela pátria, defendendo a sua honra e engrandecendo-a com as suas vitórias.

Adquirira a sua instrução primária e preparatória no Ateneu Provincial, da cidade de Destêro e, quando apresentou-se no Colégio Naval, no Rio-de-Janeiro, para prestar exames e fazer jus a matrícula na Escola Naval, trazia a aura de inteligente, preparado e aplicado aos estudos, e a não desmereceu. Durante o curso, que seguiu nessa Escola, a consolidou e, no último ano, a acresceu, tanto assim que o findou com número dois de uma turma de quarenta alunos, e ao receber o seu primeiro galão, foi contemplado com uma espada de honra, por lhe haver sido concedido o prêmio **Barão de Iguatemi**, por sua aplicação, conduta e entusiasmo pela profissão. E foi assim, tão bem credenciado, que iniciou a sua vida de Oficial.

Caráter forte e firme, espírito curioso e inclinado para os estudos, desdobrou a atividade da sua afanosa vida por dois importantes setores. À árdua profissão dedicou seus melhores e proveitosos esforços e serviu-a, sempre, com honra, zelo, sinceridade e competência. Às letras que cultivou, com carinho e espírito de brasilidade, deu os seus melhores lazares, consumindo-os na busca pertinaz de conhecimentos, muitos dos quais, difundiu nas obras que publicou.

O seu caráter incorruptível e altivo fôra entruturado em sólidas qualidades morais e em sã filosofia. Era sóbrio em tudo, sisudo, porém cortez no trato, bom, justo, ponderado, previdente, modesto, bastante operoso, pertinaz e paciente. Cultivava a verdade, a lealdade e a franqueza. Era liberal, independente, e livre pensador em religião, filosofia e política. Nunca se manietara a doutrinas e a homens.

Dotado de vivaz inteligência, agudo poder de compreensão, sêde de saber, gôsto de transmitir idéias, não se confinou nos estudos técnicos e na experiência e prática da pro-

fissão. Dilatou a sua curiosidade pelo variado campo da geografia e emaranhou-se no intrincado labirinto da história nacional.

Extremado nacionalista, era muito devotado à terra do seu torrão natal e revelava acentuados traços de jacobinismo, deixando-os transparecer em seus escritos e trabalhos. Crítico, por vezes, condimentava as suas asserções com reticências e Censuras que não as desmereciam.

Robusto e gosando boa saúde, nunca se queixava de nenhuma enfermidade. Ufanava-se mesmo da sua resistência física e admitia que ainda vivesse muitos anos. Talves, porisso, é que não se preocupava com a morte e, em sua avançada idade, continuava a trabalhar com vigor. Ainda neste ano, fôra por mar, em visita à sua terra, que tanto estremecia, e incursionou pela Serra, galgando elevações, à procura de certos minerais, que pretendia fotografar e descrever.

Em virtude disso, causara surpresa geral a sua morte súbita. Pela manhã de 29 de Abril pp. fôra encontrado morto no leito, na sua posição normal de dormir. Não se lhe ouvira um queixume, um gemido ou grito de dor. Ocorrera silenciosamente. Entretanto, na véspera trabalhara, em seu gabinete, até à hora do costume, isto é, próximo das vinte e quatro.

Bem sabemos que a morte é a cessação orgânica, natural e lógica da vida e que, em raríssimos casos, ocorre de súbito e se processa sem sofrimentos.

Talvez isso suceda afim de que, durante a sua evolução, a criatura, por ela atingida, tenha tempo de repassar, em seu espírito, as diversas fases da sua movimentada vida, destacando os erros cometidos que, em geral, foram muitos, dos acertos que foram raros.

Todavia, há pessoas que logram atravessar a vida cumprindo abnegadamente os seus deveres para com a família, a religião, a pátria e a profissão, fazendo sempre o bem e a justiça. A elas, talvez, como um prêmio, a morte colhe de súbito e sem sofrimentos.

E foi, naturalmente, o que sucedeu com o Almirante Boiteux. Pela serenidade de sua face, quando foi encontrado morto, constatou-se que havia falecido quando dormia.

Na Marinha de Guerra a sua carreira, em contínua época de paz, correu normal e não lhe ofereceu oportunidades para revelar as suas qualidades e atitudes em lances que o destacassem como um grande marinheiro. Foi, no seu tempo, um oficial devotado à profissão, dedicado aos seus

afazeres, desempenhando com competência, zêlo, lealdade, respeito às leis e às autoridades, as inúmeras comissões, tarefas que lhe foram conferidas. Como oficial subalterno fez longos cruzeiros por águas nacionais e estrangeiras, tendo por Comandantes os experimentados e destemidos Capitães de Navio, Eduardo Wandenkolk, Piquet, Alves Nogueira, Barão de Santa-Marta e Custódio de Mello. Realizou no garboso cruzador mixto **Almirante Barroso**, duas viagens de circunavegação, porém na última naufragou ileso nas águas o Mar Vermelho.

Por ocasião da revolta da Armada, em 1893, sendo oficial do encouraçado **Aquidaban**, por estar em desacôrdo com ela, apresentou-se no Ministério da Marinha e os seus serviços foram aproveitados ao lado do Govêrno, na defesa da legalidade. Exerceu algumas arriscadas missões e, tendo sido considerados relevantes os serviços, que então prestou, foi, em seguida, promovido a oficial superior, com menos de trinta anos de idade.

Nos postos sucessivos, a que atingiu por merecimento, a sua atividade, cultura e competência foram aproveitadas em várias comissões de embarque, como instrutor da prática de artilharia, dos guardas-marinha em viagem, imediato e comandante de diversos navios, alguns, modernos e recém-chegados dos estaleiros europeus. Em diferentes funções técnicas e administrativas revelou grande operosidade e proveitosa eficiência. E, como Almirante, comandou fôrça e dirigiu com clarividência a Escola Naval. Em 1921 retirou-se voluntariamente da atividade militar, após 45 anos de bons e úteis serviços.

Aplicando os seus conhecimentos técnicos, publicou muitos trabalhos profissionais na **Revista Marítima Brasileira** de que foi redator por alguns anos e em outras revistas e numerosos jornais do Rio-de-Janeiro e do seu Estado natal. Nesse colaborou em vinte jornais de várias cidades. Levantou também certas marítimas, publicou instruções de navegação, traduziu o **Código Internacional de Sinais**, inventou um escafandro fotográfico, que fez construir à sua custa e uma régua critográfica, que foi adotada na Marinha, tendo também organizado as respectivas instruções para o seu emprêgo.

Foi deputado à Constituinte de Santa-Catarina e nela exerceu o cargo de secretário, porém cedo resignou o mandato por discordar de certos princípios políticos, que se tratava de executar. Engenheiro geógrafo pela Escola Politécnica do Rio-de-Janeiro, não exerceu essa profissão. Não

sendo religioso militante, entretanto fazia caridade e era esmoler. Fizera construir, à sua custa, um pavilhão para tuberculosos, em Florianópolis, ao qual deu o nome de sua esposa, e uma escola primária para os dois sexos, em Boiteburgo, no município de Tijucas.

Mas foi no campo da história militar nacional que a sua atividade, na pesquisa de documentos e informes, e a sua cultura mais se dilataram e destacaram. Nesse importante setor a sua valiosa obra monta a quinze volumes diversos. Em tais trabalhos relancea, com apreciável dilucidação e abundância de pormenores, muitos feitos e episódios terrestres e navais, marítimos e fluviais, ocorridos na luta da Independência, nas revoluções das Províncias e nas guerras contra os platinos e os paraguaios, socorrendo-se de numerosos documentos, uns, a que faz referência, e outros, que transcreve parcial ou integralmente.

E' para lamentar que o Almirante Boiteux com tantas luzes e capacidade de trabalho houvesse preferido escrever a história desses feitos e episódios tão ligeiramente, através de cento e cinquenta biografias de almirantes, generais, comandantes, coronéis e oficiais, que se salientaram, em vez de articular aqueles em um volume, de modo contínuo, com sentido histórico definido e expressivo, acrescido de oportuna crítica, a-fim-de melhor correlacionar os fatos com os homens que neles tomaram parte, os ambientes onde ocorreram e as épocas em que se realizaram, fazendo assim uma história mais fundamentada e construtiva. Mas, percebe-se, que foi o seu extremado espírito regionalista que o desviou de tal tentamen, pois grande parte de tais feitos e episódios são ligados à história da Província do Estado de Santa-Catarina e a maior parte dos biografados aí nasceu, serviu ou atuou.

Em virtude dessa tendência, pode-se dizer que foi um historiador mais catarinense que nacional.

Dentre as suas obras, as que merecem mais atenção, pelo seu esforço e contribuição histórica, devem ser salientados: **Os nossos Almirantes**, com 108 biografias, **Santa Catarina na Marinha**, com 27 e **Santa Catarina no Exército**, com 20; **República Catarinense**, **Annita Garibaldi**, **Corsários** e **O Marquês de Tamandaré**.

As três primeiras revelam sólidos elementos para quem quizer conhecer a vida dos seus biografados e os feitos e episódios em que tomaram parte.

Os dois seguintes relatam os intrépidos feitos de Garibaldi e dos farroupilhas em solo catarinense, e o singular amor de Annita.

Em **Corsários**, um dos seus melhores trabalhos, pode-se bem apreciar a desleal e bravia luta dos veleiros platinos, em ação de côrso, aprisionando, saqueando e metendo a pique navios brasileiros, em águas nacionais, desde a costa do Rio-Grande-do-Sul até a do Piauí, nas lutas contra a Cisplatina.

E no **Marquês de Tamandaré**, sua derradeira obra, publicada as pressas, com descuidada impressão e claudicante revisão, por entre abundantes documentos, cartas, citações e proveitosos detalhes, resalta, bem retratada e focalizada, a inolvidável personalidade do Almirante Joaquim Marques Lisboa, através da sua longa e movimentada vida, corte caráter, enérgicas atitudes, singulares episódios, apropriadas ações, heróicos feitos, sinceras opiniões e abnegadas renúncias, que justamente a caracterizaram como um símbolo de homem, marinheiro e patriota.

Porisso a citada obra constitui um opulento manancial de autênticos e esclarecidos elementos para quem quizer escrever, com fundamento, sôbre o Almirante Tamandaré.

A cultura histórica do Almirante Boiteux era bem conhecida e apreciada em todo o país, tanto assim que êle era credenciado sócio dêste egrégio Instituto de História, do venerável Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e dos idênticos Institutos de dez Estados.

Além disso, fazia parte da Academia de Letras de Santa-Catarina, da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro e do Instituto Técnico Naval, ao todo quinze instituições.

Eis aí, ilustres confrades, os traços mais importantes da vida e da obra do saudoso consócio Almirante Henrique Boiteux, cujo definitivo afastamento do nosso convívio social e cultural, desploramos, e a quem rendemos esta sincera homenagem, cívica e intelectual.

* * *